

Governo vê brecha no Congresso para indicar novo presidente do BC

Galípolo é favorito para ocupar cargo de Roberto Campos Neto, cujo mandato termina em 31 de dezembro

DEBRASÍLIA

O governo vê uma brecha no Congresso para indicar o novo presidente do Banco Central (BC) em neste mês. O cálculo feito pelo Planalto é de aproveitar o esforço concentrado que os parlamentares farão antes das eleições para votar também o indicado pelo Executivo à autoridade monetária.

O nome mais forte para ocupar o lugar de Roberto Campos Neto na presidência permanece o do diretor de Política Monetária do BC, Gabriel Galípolo. Interlocutores ponderam que o martelo ainda não está batido por Lula, mas veem o favoritismo de Galípolo cada vez mais forte.

O indicado deverá ser submetido à sabatina do Senado, e o governo quer evitar contraposições ao novo nome. Dessa forma, após a escolha de Lula, líderes governistas já começariam a articular a aprovação do fu-



Galípolo em sabatina no Senado, em 2023, para vaga de diretor do BC

turo chefe do Banco Central com o Congresso.

O desenho que está sendo feito até o momento é que Lula faça a indicação, além do nome do novo chefe do BC, de mais dois diretores de forma conjunta. As indi-

cações não precisam caminhar juntas, mas há uma avaliação de ser mais fácil validar três nomes com o Parlamento.

Articulada pelo Palácio, a proposta é bem-recebida também dentro do Ministé-

rio da Fazenda. Os diretores de Relacionamento, Cidadania e Supervisão de Conduta, Carolina de Assis Barros, e de Regulação, Otávio Damaso, terminam os mandatos em 31 de dezembro e serão substituídos.

A gestão de Roberto Campos Neto à frente da instituição se encerra em 31 de dezembro. Será a primeira substituição na presidência sob o sistema de mandatos fixos, iniciado em 2021, com a aprovação da lei de autonomia da instituição.

Esse movimento do governo pela troca de comando leva em conta três motivos. O primeiro ponto que favorece a indicação no curto prazo é reduzir as chances de derrota no Congresso. Apesar dessa preocupação, o Palácio do Planalto avalia que Galípolo, caso seja mesmo o indicado, não deve sofrer resistências.

O segundo motivo é um cálculo econômico. A divul-

gação do nome antes do fim do mandato de Campos Neto pode reduzir o risco monetário, evitar surpresas e impactos negativos à economia.

O terceiro tópico é o de diminuir o poder de Campos Neto, em seus últimos meses, e alvo de críticas do presidente Lula.

OUTROS COTADOS

Além de Galípolo, também estão cotados para o cargo o ex-economista-chefe do Credit Suisse Nilson Teixeira e o ex-diretor do mesmo banco Marcelo Kayath, mas eles negam terem sido sondados.

Galípolo, entretanto, tem vantagem pela proximidade com Lula durante a campanha eleitoral de 2022 e de nos últimos meses ter conversado com o presidente sobre conjuntura econômica e lógica do mercado financeiro. (Estadão Conteúdo)